

APONTAMENTOS DA HISTÓRIA DO DESIGN GRÁFICO DE CHAPECÓ – SC: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE RELATOS DA GRÁFICA COMETA

Henrique Telles Neto¹

Lucas Júnior Cardoso dos Santos²

Chaiane Cristina Trierweiler³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ

RESUMO: Esta pesquisa tem o intuito de resgatar alguns dados sobre a história do Design Gráfico em Chapecó, debruçando-se especificadamente sobre o caso da Gráfica Cometa, inaugurada em 1950. Assim, este artigo possui um caráter bibliográfico, pois aborda a história do Design regional, verificando, entre outros dados, como iniciaram os cursos profissionalizantes no Brasil, como a profissão de designer é vista no estado de Santa Catarina e quando os primeiros indícios de Design Gráfico chegam ao município de Chapecó – SC. A partir desta contextualização, foram realizadas pesquisas documentais e uma entrevista com o impressor Alcides Ribeiro Veiga, no intuito de coletar informações sobre a Gráfica Cometa. Com o acelerado desenvolvimento do Design contemporâneo, conhecer a história de uma manifestação regional é fundamental para entendermos e o processo histórico de uma profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Gráfica Cometa; Design Gráfico; Santa Catarina; Chapecó.

ABSTRACT: This research aims to retrieve some data about the history of Graphic Design in Chapecó, focusing specifically on the case of Gráfica Cometa, inaugurated in 1950. Thus, this article has a bibliographic character, as it addresses the history of regional design, verifying, among other data, how the professionalization courses began in Brazil, how the profession of designer is seen in the state of Santa Catarina and when the first signs of Graphic Design arrive at the municipality of Chapecó - SC. Based on this contextualization, documentary research and an interview with the printer Alcides Ribeiro Veiga were carried out, in order to collect information about Gráfica Cometa. With the accelerated development of contemporary Design, knowing the history of a

¹ Coordenador do Curso de Bacharelado em Design (Games | Produto | Visual) da Unochapecó. Coordenador do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Design e Gestão de Marca - Branding da Unochapecó. Professor Titular da Área de Ciência Sociais Aplicadas (ACSA) da Unochapecó. Mestre em Artes Visuais - PPGART/UFSM. Bacharel em Desenho Industrial/Programação Visual – UFSM

² Estudante do 7º semestre do curso de Publicidade Propaganda da Unochapecó. Bolsista de Iniciação Científica UNIEDU, Artigo 170.

³ Bacharel em Design – Ênfase em Design Visual pela Unochapecó.

regional manifestation is fundamental to understand and the historical process of a profession.

KEYWORDS: Gráfica Cometa; Graphic Design; Santa Catarina; Chapecó.

Introdução

Esta pesquisa aborda uma parte da história do Design no Brasil, com foco no contexto regional da cidade de Chapecó – SC. A presente investigação se justifica no contexto histórico que influencia e colabora no entendimento de como se desenvolveu a área de conhecimento do Design, especialmente em contextos regionais. Para entender melhor como a manifestação histórica do Design se revelou em Chapecó, os pesquisadores desenvolveram uma entrevista presencial com o impressor Alcides Ribeiro Veiga, que atuou na Gráfica Cometa entre 1973 e 1994.

Em relação à estrutura deste trabalho, aborda-se, de maneira geral, sobre a história do Design no Brasil, quais os principais setores dessa área de conhecimento no estado de Santa Catarina, e uma abordagem específica no município de Chapecó. O objetivo desta pesquisa é realizar uma pesquisa documental para conhecer e entender o processo de desenvolvimento do Design no Brasil, chegando até o município de Chapecó, com o caso específico da Gráfica Cometa.

O campo do Design, entendido enquanto ciência no Brasil, é recente. De fato, a origem do Design brasileiro não tem um início exatamente definido, sendo que há registros de desenvolvimento de identidade da marca que datam do século XIX. Grosso modo, os preceitos modernistas estiveram presentes nas ofertas originais dos cursos de Design no Brasil, os quais expressavam preocupações de que fossem encontradas linguagens formais em Design que concentrassem a compreensão artística contemporânea com elementos da tradição nacional. Hoje o país conta com vários cursos de Design, e uma infraestrutura de mercado em expansão, o que demonstra um ambiente oportuno para a valorização do Design nas empresas.

No país, a partir da década de 1970 até os dias atuais, o Design está em constante desenvolvimento e vem se modernizando, atingindo, de certo modo, uma posição de prestígio no cenário mundial. Com efeito, o Design é um dos setores mais importantes do contexto histórico de um país, e por isso, entender a profissão, como os profissionais trabalham, o que

defendem, e os caminhos traçados e desejados por estes, são fatos primordiais para o desenvolvimento e reconhecimento da área de Design, no Brasil.

O estado de Santa Catarina, conhecido por suas belezas naturais litorâneas, possui um padrão econômico satisfatório, com uma diversidade de setores produtivos em diferentes regiões. Desde 1988, o Design começa a ganhar forças no estado, com a implantação do Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI), marcando profundamente a prática e o ensino de Design no Brasil. O município de Chapecó é considerado um pólo de investimentos na agroindústria. Além disso, a cidade também estrutura sua economia em atividades comerciais e de serviços, e engrossa ano após ano as estatísticas populacionais. Visto que Chapecó possui um grande potencial de em diversas áreas da economia, a partir da década de 1950, gráficas e agências publicitárias se instalaram na cidade, para desenvolver e produzir peças gráficas, tanto para a cidade quanto para região, e até mesmo para outros estados.

A partir deste contexto, entende-se que conhecer a trajetória histórica do Design ajuda na compreensão do desenvolvimento da profissão, ajudando na consolidação do mercado e do campo como um todo. Objetiva-se aqui, estabelecer uma pequena contribuição, a partir do município de Chapecó e da Gráfica Cometa.

Contextualização histórica do Design no Brasil

A História do Design no Brasil é relativamente recente. Carvalho (2013, p.15) aponta que “[...] apenas três séculos nos separam do surgimento do design como uma ciência com seus próprios conhecimentos, métodos e técnicas, porém isto não significa que não houve design antes da era moderna”. Pensando na etimologia da palavra, a qual possui um conceito ainda difícil de definir, pode-se citar Denis (2000, p.16).

[...] à etimologia da palavra, principalmente no Brasil, onde design é um vocábulo de importação relativamente recente e sujeito a confusões e desconfiças. [...] A origem mais remota da palavra está no latim *designare*, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar. Percebe-se que, do ponto de vista etimológico, o termo já contém nas suas origens uma ambiguidade, uma tensão dinâmica, entre um aspecto abstrato de conceber/projetar/ atribuir e outro concreto de registrar/ configurar/ formar.

A partir da exposição acima, pode-se contextualizar o uso da palavra Desenho Industrial como sinônimo histórico de Design, no Brasil. Na década de 1950, a atividade de se fazer Design passou a ser conhecida no Brasil, e começou a ser empregada a expressão “Desenho Industrial”, sendo que a tradução foi inadequada, pois contrariou em partes o significado original do vocábulo anglicano, e fez que o termo tivesse uma conotação de habilidade de representação gráfica ou industrial, deixando de lado outros aspectos do Design.

Em português, melhor se traduziria *Industrial Design* por “projetos para a indústria. A palavra Design permaneceu sem uma tradução correta, fazendo com que a profissão não fosse particularizada ou conceituada de modo específico no Brasil, fazendo que o termo Design iniciasse a ser utilizado em áreas onde não existe um trabalho conceitual de projeto,

Nos anos 50, os industriais brasileiros sequer sabiam direito o que era design. Nessa época, um segmento da elite ilustrada paulista vislumbrou a necessidade de formar profissionais com a qualificação adequada para suprir a demanda de projetos de produtos e de comunicação visual que adviriam da atividade econômica crescente e da indústria nacional nascente. (NIEMEYER, 2000, p.63).

A partir de 1960, o design brasileiro incorporou uma estética modernista, claramente tendendo ao “futuro”, elemento determinado para inserir o Brasil no novo sistema econômico mundial. O modernismo esteve muito presente nas ofertas originais dos cursos de Design no Brasil, que expressavam as preocupações de que fossem encontradas linguagens formais em design que concentrassem a compreensão artística contemporânea com elementos da tradição nacional.

Cumprir apontar a endogenia, que caracterizou as primeiras escolas de design no país, como um dos fatores responsáveis pelo pouco desenvolvimento da produção acadêmica. A falta de renovação, de ampliação e de aperfeiçoamento acadêmico do corpo docente colaboraram para que fossem esvaziadas algumas tentativas pioneiras de desenvolvimento de pesquisa e de produção de conhecimento em design. (NIEMEYER, 2000, p.15)

Ainda, segundo o autor (2000, p.19) “A história do ensino do design no Brasil tem raízes na Europa e [...], essencialmente, na Alemanha [...]” A instalação dos primeiros cursos de Design em escolas no Brasil foi marcada por um longo processo, sendo que as primeiras discussões eram sobre os espaços que seriam utilizados pelo design, os quais acreditava-se, que eram reservados à arte e à arquitetura, e mesmo tendo um estudo e uma organização definida,

os cursos voltados ao design demoraram a ser implantados, e muitos cursos infelizmente não saíram do papel.

Levando em conta a trajetória do design gráfico no Brasil, pode-se ver que as principais influências datam de 1950 quando foi criado o primeiro curso de Desenho Industrial no país, que teve a iniciativa do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Existia também a importância de um profissional capaz de criar uma linguagem original, com elementos visuais próprios, não nacionalistas, mas provenientes da cultura brasileira, com signos próprios de leitura universal. O design brasileiro se caracteriza pelo predomínio de cores e elementos nacionalistas.

[...] Os primeiros designers, os quais têm permanecido geralmente anônimos, tenderam a emergir de dentro do processo produtivo e eram aqueles operários promovidos por quesitos de experiências ou habilidade a uma posição de controle e concepção, em relação às outras etapas da divisão de trabalho [...] Para alguns intérpretes da história do design, só é digno da denominação designer o profissional formado em nível superior, mas tal interpretação se deve mais a questão de ideologia e de corporativismo do que a qualquer fundamento empírico [...]. (DENIS, 2000, p.18)

No Brasil o designer Alexandre Wollner marcou as tendências nacionais através da Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI, no Rio de Janeiro, onde lecionou. A ESDI, instalada no estado de Guanabara, em 1962, foi um marco histórico do Design no Brasil, essa escola ajudou a delinear o estatuto profissional do designer, também se regulamentou ao plano desenvolvimentista criado pelo partido do governador Carlos Lacerda, a UDN (União Democrática Nacional). A escola apoiou-se nos estudos realizados, anteriormente, para a criação da Escola Técnica de Criação (ETC) e possuía o objetivo de produzir a identidade nacional dos produtos. Segundo Niemeyer (2000, p.93), “a orientação da escola era basicamente pragmática, voltada para o mercado de trabalho”. As aulas eram realizadas no período da manhã, pois, assim, os alunos conseguiam trabalhar no período da tarde.

A ESDI foi inspirada no modelo da escola de Ulm (Escola superior da forma), já que a estrutura curricular foi criada com base em modelos estruturados por Max Bill e alguns professores que se formaram na Ulm. O fato de a escola ter sido criada nos moldes da Ulm se deu talvez pelo fato de Max Bill, segundo Niemeyer (2000, p.72), “[...] ter encontrado no Brasil um carácter particular, uma simbiose perfeita de ideologias que favoreciam a identificação da escola de Ulm com o Rio de Janeiro: o positivismo (JK, Brasília, ordem e progresso), o místico cultural bem enraizado e a presença da arte concreta [...]”. Wollner teve uma tarefa difícil, de

provar que este modelo poderia ser aplicado no Brasil. Baseado em vários argumentos Wolner lutava para convencer as pessoas.

Nós apresentávamos os estudos e o conceito de ULM, a necessidade de atualizar a relação da tecnologia com os designers para além da expressão artística. [...] Esses argumentos pesaram muito, porque todas as informações que havia sobre escolas de design vinham do padrão de artes e ofícios, em que os alunos faziam modelos e desenhos sem tecnologia, semiótica, nada. Nós mostramos essa necessidade, convencemos as pessoas e deu certo. Tudo funcionou até o fim dos anos 1960. (WOLLNER, 2008, p.51)

O currículo da ESDI foi uma tarefa difícil para ser montada, já que não era fácil encontrar professores capacitados para as matérias necessárias para o curso de Design. Wollner coloca que “[...] não havia ninguém para dar semiótica, Gestalt ou antropologia social, ninguém falava em antropologia cultural, nenhum matemático falava sobre design, nenhum físico falava de criatividade.” (WOLLNER, 2008, p.51)

Sem professores capacitados em matérias específicas a saída encontrada por Wollner e pelo seletor grupo de professores, foi contratar professores que estavam fora das universidades. Assim, os primeiros professores adotaram um modelo que preferenciava a estética racionalista, caracterizando-se pela dominância de formas geométricas retilíneas e de tons acromáticos. Como afirma Niemeyer (2000, p.12): “A imposição desses padrões impediu a expressão de estética modernista na escola e coibiu, por longo tempo, a emergência de outras abordagens em projeto de design”.

A criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) teve como base o modelo de funcionalismo alemão e foi influenciada pela América, o que fez com que a escola se tornasse referência para outras escolas no Brasil na década de 1970.

Atualmente, de acordo com um relatório do SEBRAE (2011), pode-se perceber uma conjuntura econômica em que ocorrem investimentos em políticas públicas de incentivo ao campo de atuação do Design, “a partir do surgimento de diversos concursos, exposições, livros, associações de classe, revistas especializadas, faculdades e cursos técnicos” (SEBRAE, 2011, p.11).

Contextualização histórica do Design no Brasil

O estado de Santa Catarina é reconhecido por suas belezas naturais, principalmente por suas riquezas litorâneas. Com um padrão econômico satisfatório, se caracteriza pelo variado ramo de atividades e amplo potencial turístico. Ainda pode ser incluído o mercado interno com alto poder de consumo e um forte crescimento em exportações. Santa Catarina é um estado conhecido como terra de oportunidades, isso se dá pelo fato de que possui uma diversidade de áreas, contando com ramo moveleiro, têxtil, joias, materiais de para construção, automóveis, gerando empregos. Santa Catarina conta com os pólos industriais, como pode ser visto no mapa (Figura 01), abaixo:

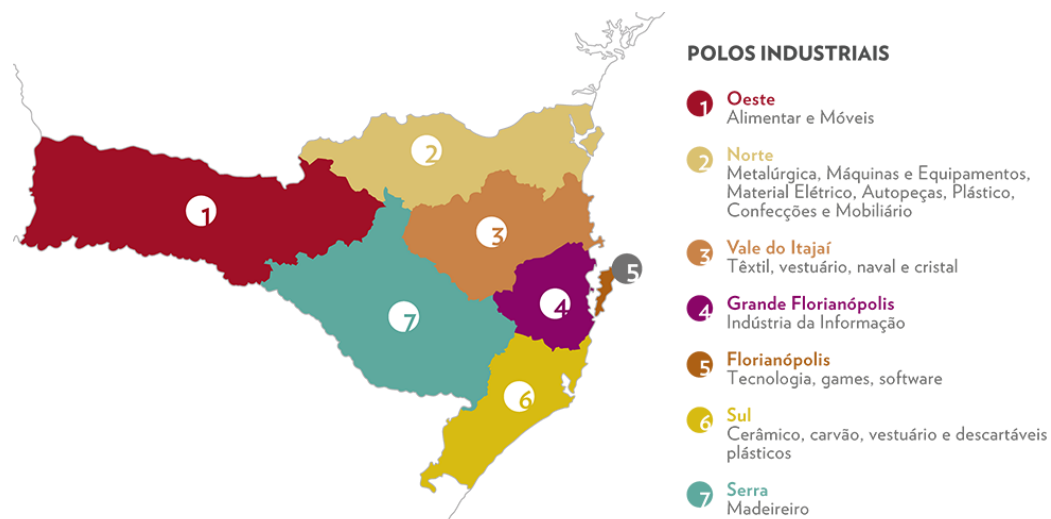


Figura 01: Mapa dos pólos industriais de Santa Catarina.
Fonte: <http://www.bienalbrasileiradedesign.com.br/sc>

Com a diversidade em possibilidades de empregos, a área de design o estado vem crescendo e ganhando impulso no estado. Desde os anos de 1980, quando foi implantado o Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI), o estado foi notabilizado por um incremento na área de ensino e pesquisa do Design.

[...] o Laboratório de Canasvieiras, como ficou conhecido no meio de designers, foi decisivo na formação de docentes e profissionais, e apresentou ao meio brasileiro várias possibilidades de fazer desenho industrial, seja aliando-se de maneira paritária com a engenharia de produtos, seja construindo um campo profissional autônomo. (LEON, 2014, p.07)

O estado conta com cursos de grande potencial de qualificação para o mercado. O primeiro curso superior em Design foi criado em 1996, pela Universidade do Estado de Santa

Catarina (UDESC), que tem como objetivo atender os potenciais do mercado catarinense. O curso de Design na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi criado em 1999, e em 2010, houve a implantação do curso de Design – Ênfase em Design Visual na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, vindo para qualificar profissionais da área do design, no oeste catarinense. O estado também conta com importantes empresas e estúdios de Design, que participam de concursos internacionais, como iF Awards, IDEA, além dos concursos nacionais como o do Museu da Casa Brasileira e o do Salão do Móvel Brasil.

Para fomentar a produção local, foi criado recentemente o prêmio Design Catarina de design, uma parceria entre a Federação das Indústrias do Estado (FIESC) e o Centro Design Catarina. (BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN 2015)

A indústria da cultura do estado, também aumentou ao longo dos anos, com a expansão de meios de entretenimentos e mídias, fazendo com que o Design passe a ter uma presença estratégica em diversos setores.

Relatos da Gráfica Cometa

Grosso modo, pode-se dizer que o Design em Chapecó teve início dentro das primeiras gráficas que se estabeleceram na região. Antes das primeiras agências de publicidade, estúdios ou escritórios de Design, assim como desenhistas profissionais, as primeiras peças gráficas foram produzidas com as primeiras impressões realizadas na cidade. A Gráfica Cometa, fundada em 1950², foi uma das primeiras a se instalar no município de Chapecó, inicialmente era conhecida como Tipografia Cometa. Chapecó sempre foi um polo de referência regional e até estadual na agroindústria. Já a indústria gráfica tinha como referência gráficas estabelecidas em outras cidades, como a exemplo, a Gráfica Estrela em Concórdia - SC. Neste contexto, a Gráfica Cometa encontrava algumas dificuldades, referentes aos trabalhos de pré-impressão, pois na décadas de 1950 a 1970 não haviam profissionais qualificados na parte de desenvolvimento, criação, e finalização das artes. Os profissionais da parte de impressão também não possuíam formação técnica, e sim aprendiam na prática com profissionais mais experientes.

² A Gráfica Cometa foi fundada em 1950 ficando ativa até 2004. (Fonte: Contabilidade – Livraria Cometa)

Nas primeiras décadas de existência da gráfica, cada peça era desenvolvida conforme necessidade do cliente, balizados métodos manuais utilizados. Alguns desafios eram lançados pelos clientes, como criar peças onde combinassem com outros elementos como marcas, cores, texto, etc. Assim, havia um responsável pelo desenho das peças, que projetava manualmente as marcas e materiais a serem replicados, os quais eram produzidos pelos impressores. Com o passar do tempo, com os profissionais se especializando, e novas tecnologias sendo implantadas, os projetos iam adquirindo um resultado mais complexo.

Alcides Ribeiro Veiga, na Gráfica Cometa durante 21 anos (desde 01/06/1973 até o ano de 1994), como tipógrafo. Seu trabalho envolvia um contato direto com o material a ser desenvolvido, organizando os leiautes de modo manual, utilizando os tipos móveis. Após sua saída da Gráfica Cometa, começou trabalhar na Gráfica Artificio (atualmente em funcionamento) com seu irmão Jairo Veiga, que também trabalhou na Gráfica Cometa.



Figuras 02 e 03: Alcides Ribeiro Veiga e seu cartão de tipógrafo.
Fonte: foto de autoria dos pesquisadores

A partir de seus relatos, VEIGA (2017) diz que começou trabalhar na Gráfica Cometa com aproximadamente 16 anos de idade, sendo este seu primeiro emprego. Seu tio Jorge Ribeiro Filho era gerente da gráfica e estava chamando jovens para trabalhar e aprender. Alcides exercia a função de um estagiário que auxiliava nas atividades da gráfica. A partir deste estágio, aprendeu fazer todas as coisas sem muito auxílio dos profissionais.

De acordo com VEIGA (2017), na década de 1970, a Gráfica Cometa contava com 22 funcionários e possuía cerca de 13 máquinas de impressão. Algumas pessoas vinham de outras cidades para trabalhar na cidade, com mais habilidade para fazer os trabalhos. Trabalhar com tipografia era algo muito reconhecido, essa função carregava um certo “*glamour*”, um “status”, pois era considerado uma função de extrema importância. Inicialmente, a Cometa só trabalhava com tipos móveis, e Alcides era um dos tipógrafos responsáveis pela composição das peças, não tendo muito contato com as máquinas impressoras.

As principais peças produzidas na época eram notas fiscais e outros materiais de papelaria. Esses materiais possuíam um certo padrão de layout, pois, na maioria das vezes só era alterado os dados das empresas (VEIGA, 2017). Alcides relata que também eram feitos cartazes, cartões de visitas, cartões de natal, calendários e outros materiais diversos. As imagens dos materiais, eram produzidas através de clichês de impressão, em empresas terceirizadas.

Ainda de acordo com os relatos de Veiga (2017), seu colega Carlos Damasceno, também funcionário da Cometa, era o funcionário responsável pelo desenho de marcas e ilustrações, sendo também foi o primeiro profissional a ter contato com impressoras offset. Assim, neste sentido, dividiam-se as funções de gráfica de acordo com os seguintes postos: desenhista, tipógrafo e impressor. A gráfica basicamente era dividida nesta lógica, sendo que alguns ainda trabalhavam com guilhotinas de corte.

Carlos Damasceno era o único ilustrador da época (entre 1970 e década de 1990, aproximadamente), responsável pela criação de muitas marcas conhecidas na região, que ainda são usadas, principalmente para o comércio, como Casas Néri, Rigotto, Auto Peças Chapecó, NostraCasa, Casas Vitória, Tozzo, Anzolin, Hospital Regional, Bolicho do Gaudério. Essas marcas eram passadas para clichês e era dessa forma que se fazia assinatura das empresas nos materiais. “As marcas gráficas eram desenhadas em papel vegetal para depois passar pro clichê” (VEIGA, 2017). Neste sentido, percebe-se que a tecnologia empregada neste período partia de um processo desenvolvido de modo manual, para posterior reprodução mecânica.



Figura 04: Clichês utilizados na Gráfica Cometa
Fonte: foto de [autoria](#) dos pesquisadores

Em relação à composição de tipos móveis, a gráfica possuía muitas famílias, de vários tamanhos, com ou sem serifa. Esses materiais eram renovados a cada seis meses, pois a gráfica adquiria outros tamanhos, letras diferentes, etc. Os tipos móveis eram adquiridos por de viajantes que vinham até Chapecó e traziam os tipos de outros lugares, principalmente de São Paulo. Além de materiais para o comércio, as gráficas faziam convites de casamento, cartões de natal, “santinhos” para política, etc. “Também eram realizados trabalhos com diferentes tipos de papéis, dependendo da solicitação do cliente” (VEIGA, 2017). Na época (década de 1970 e 1980, principalmente), uma solução inusitada era efetuada para dar um efeito sofisticado aos materiais: era utilizado um pó colorido, dourado na maior parte das vezes, para dar destaque nos materiais, principalmente em convites de casamento.

Conforme Veiga (2017), a impressão *offset* só começou a ser utilizada na Gráfica Cometa na década de 1990. Já existiam várias gráficas em Chapecó: Royal; Gráfica Estrela, que veio de Concórdia e instalou-se em Chapecó com outro nome. Em 1994 a Gráfica Cometa já possuía um computador e os trabalhos com tipos móveis foi diminuindo. Assim, os leiautes já eram feitos no computador e os tipos móveis passaram a ser um instrumento só para alguns trabalhos específicos. Os profissionais que trabalham com nessa área eram chamados de tipógrafos, desenhistas e/ou impressores. De fato, Veiga (2017) relata que, com o passar do tempo e o avanço das tecnologias digitais, grande parte dos trabalhos manuais foram substituídos por máquinas, e aos poucos foi se extinguindo o trabalho dos tipógrafos.

Considerações finais

A pesquisa do contexto histórico da profissão colabora de modo científico no entendimento de como se deu o processo de desenvolvimento do Designer Gráfico em Chapecó. E para entender isso de forma contextual, foi abordado a história do design de forma geral, como foram criados os primeiros cursos na área de design no Brasil, como a profissão é vista no estado de Santa Catarina, e como foi que o design iniciou em Chapecó, a partir de relatos da Gráfica Cometa.

Durante a pesquisa foram encontradas diversas dificuldades na busca de informações de fontes primárias, que desenvolveram papéis importantes para a história em relação ao design gráfico, em Chapecó. De fato, como a Gráfica Cometa não está mais ativa desde 2004, não foi possível ter acesso aos documentos primários específicos da empresa, como os materiais gráficos produzidos na segunda metade do século XX.

A partir disso, verificou-se a necessidade de entrar em contato com as pessoas envolvidas com a gráfica. Nesta busca, foi possível entrevista o tipógrafo Alcides Ribeiro Veiga, que tornou-se uma fonte importantíssima para esta presente investigação. A partir dos relatos de Veiga, percebe-se que não havia, a priori, um conceito de Design na década de 1970. Efetivamente, o “design gráfico” era tratado como “artes gráficas”, “desenho” ou “tipografia”. Ou seja, a prática de se produzirem leiautes gráficos a partir de processos manuais e tipos móveis prece a conceituação da profissão de designer, na região. Assim, verificou-se que a história do Design Gráfico do município confunde-se com as primeiras expressões gráficas da cidade, produzidas pelas primeiras gráficas, como a Gráfica Cometa.

Na década de 1970, o processo era muito mais manual, já que a gráfica não possuía computadores para desenvolver as peças. Com a evolução e aperfeiçoamento dos profissionais e tecnologias, houveram mudanças de paradigmas e com isso as tecnologias digitais começaram a ser utilizadas para racionalizar, aperfeiçoar e dinamizar o trabalho. Neste processo histórico, a figura dos tipógrafos perdeu espaço no contexto das gráficas, como verificado com o caso de Veiga. A partir deste relato, percebe-se a importância desta pesquisa que expõe o trabalho de um tipógrafo que possuía uma posição estável na década de 1970, enquanto a tecnologia dos tipos móveis ainda configurava o paradigma ferramental de uma gráfica. Neste sentido, este

relato tem relevância no sentido que valoriza um trabalho manual um tanto quanto esquecido, devido aos avanços tecnológicos da profissão e do contexto do Design.

Esta pesquisa pode ser considerada, de certo modo, como pioneira em Chapecó e região, por abordar um tema inédito (resgate histórico específico do Design chapecoense) e assim pretende contribuir para a consolidação da pesquisa histórica em Design no estado. Com efeito, esta pesquisa colabora para o entendimento que o início das atividades profissionais não podem ser vistas de maneira simplória, visto que o processo de evolução de Design se deu não só através dos cursos profissionalizantes, mas também pela especialização em determinados saberes técnicos e principalmente pelas atividades práticas cotidianas, no caso da Gráfica Cometa especificadamente. O assunto é muito amplo e complexo, mas a partir da ciência de como eram utilizados algumas técnicas quando começam a aparecer os vestígios de Design na região, pode-se efetivar uma colaboração científica para valorizarmos os profissionais que atuaram na época, pelas suas ideias que resolviam as demandas para aquele tempo mesmo com limitações para a produção.

De fato, a partir das informações coletadas, pode-se concluir que existe um hiato entre as primeiras manifestações de Design Gráfico na região e a profissionalização desta área. A Gráfica Cometa iniciou suas atividades na década de 1950 e iniciou a utilizar a tecnologia digital na década de 1990. As primeiras agências de publicidade da região surgiram a partir de 1980, enquanto que o primeiro curso de ensino superior em Design em Chapecó só foi criado nos anos 2000. Neste sentido, fica evidente que a história do Design Gráfico no município perpassa diferentes contextos. Este hiato contextual pode ser preenchido por meio de pesquisa mais aprofundadas sobre o tema macro, para verificar outros casos mais específicos (micros), por meio da investigação de outros tipógrafos, outros ilustradores e desenhistas e outros designers, para auscultar, a partir de fatos, relatos e documentos, como seu deu a história do Design em Chapecó, em suas diferentes manifestações históricas.

Este presente artigo pretende ser uma breve contribuição para a consolidação histórica do Design na região. Desse modo, pode-se concluir que o andamento histórico do contexto do Design em Chapecó e região mostra que há muito a ser pesquisado sobre o tema. Assim, pretende-se dar continuidade a este objeto de estudo, já que existem outras histórias a serem contadas e interpretadas, a partir de relatos de tipógrafos, impressores e desenhistas que contribuíram para formação do Design Gráfico, no município de Chapecó.

Referências Bibliográficas

ALBA, Rosa Salete. Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó, Argos, 2002.

AULER, A. Departamento de Design Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/design/>> Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

Bienal Brasileira de design 2015. Disponível em: <<http://www.bienalbrasileiradedesign.com.br/sc>> Acesso em: 13 de março de 2018.

CARDOSO, Rafael (Org.). O design brasileiro antes do design. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Curso de graduação em Design. Disponível em: <<http://design.ufsc.br/>> Acesso em 30 de março de 2018.

DENIS, Rafael Cardoso. Uma introdução à história do design. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

HARTMANN, Marciane Maria. Memória da Publicidade em Chapecó - SC. 2007. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2007.

LOGISTIQUE. Conheça Chapecó: Quem conhece ou mora em Chapecó tem ótimas oportunidades para melhorar de vida. Disponível em: <http://www.logistique.com.br/site/logistique_2014/pt/conteudo/203_Conheca_chapeco.html> Acesso em: 23 de fevereiro 2018.

LEON, Ethel. Canasvieiras um laboratório para o design brasileiro: a história do LDP/DI e LBDI – 1983 - 1997. Florianópolis/SC, 2014.

MARCONDES, V. et al. Memórias e história da Publicidade em Chapecó – SC, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-publicidade-e-da-comunicacao-institucional/memorias-e-historia-da-publicidade-em-chapeco>> Acesso em: 13 de março de 2018.

NIEMEYER, Lucy. Design no Brasil: origens e instalação. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

SEBRAE. Design no Brasil – Relatório de 2011 do setor de Design. Disponível em: <<http://www.gautio.com.br/pdf/design.pdf>> Acesso em: 13 de março de 2018.

VEIGA, Alcides Ribeiro. Entrevista presencial. Realiza em 31 de outubro de 2017.

WOLLNER, Alexandre; STOLARSKI, André. Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil: depoimentos sobre o design visual brasileiro. São Paulo: Cosac Naify, 2008.